



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O ENSINO DE GRAMÁTICA E A ESCOLA: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA.

Gessica Maiara de Oliveira Silva;

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: gessicamaiara07@hotmail.com;

Patrícia Wanderley Nunes;

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: patriciawnader123@gmail.com;

Joana Dark de Lima;

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: joanadarkdl@hotmail.com;

MS. Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas.

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: ap.calado@hotmail.com.

RESUMO: Ainda tida por muitos como a parte do ensino de língua portuguesa que não se coaduna às situações reais de uso, o ensino de gramática parece estigmatizado e desconsiderado por muitos estudantes, visto a complexidade e o número de regras gramaticais a que estão submetidas às práticas de sala de aula. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho objetiva refletir sobre o ensino de gramática, estabelecendo um contraponto entre a visão estruturalista da língua e as novas vertentes que defendem um ensino numa perspectiva interacionista da linguagem. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e em teóricos, como Antunes (2003), Marcuschi (2008), Fávero & Koch (2012) e outros aportes que se debruçam sobre o assunto, buscando elucidar questões pertinentes e propondo um redirecionamento das práticas vigentes. Um trabalho que aponta para a necessidade de se trabalhar a gramática numa perspectiva interacionista, dinâmica e funcional, o que pode, efetivamente, contribuir para o desenvolvimento das competências comunicativas de seus usuários.

Palavras-chave: Língua. Linguagem. Ensino Tradicional. Competência Comunicativa.

INTRODUÇÃO

O ensino de língua portuguesa é imprescindível para a formação de todo indivíduo visto ser a disciplina que se ocupa em abordar questões relacionadas à língua e sua funcionalidade nos contextos de uso.

Contudo, dentre as áreas de estudo dessa disciplina está a mais temida entre os estudantes: a gramática. Aprender as regras de concordância, ortografia, acentuação gráfica, parece ser uma atividade enfadonha e sem a menor relevância, já que não raras situações em que questionam: para que estudar gramática? Como ela será útil? Em que situações essas regras serão utilizadas?



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Perguntas como essas e outras semelhantes circundam o universo de muitos estudantes que parecem não conseguir relacionar o ensino da gramática aos usos reais da língua, o que pode ser resultante de uma recorrente prática de ensino falha, arraigada a uma perspectiva estruturalista, que não consegue trabalhar efetivamente os usos sociais da língua, com dificuldade de transcender os constituintes de frase.

Partindo da importância de se revisitar concepções adotadas quanto ao ensino de língua portuguesa, mais especificamente a função dos estudos gramaticais, o presente trabalho objetiva refletir sobre o ensino de gramática, estabelecendo um contraponto entre a visão estruturalista da língua e as novas vertentes que defendem um ensino de língua pautado numa perspectiva interacionista da linguagem, o que pode desmitificar o “medo” que muitos estudantes têm da gramática.

Uma pesquisa bibliográfica, fundamentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e em teóricos, como Antunes (2003), Marcuschi (2008), Fávero & Koch (2012) que se debruçam sobre o assunto, buscando elucidar questões pertinentes e propondo um redirecionamento das práticas vigentes. Um trabalho que aponta para a necessidade de se trabalhar a gramática numa perspectiva interacionista, dinâmica e funcional, o que pode, efetivamente, contribuir para o desenvolvimento das competências comunicativas de seus usuários.

METODOLOGIA

Considerando que a pesquisa científica permite ao pesquisador investigar situações que o inquietam no seu dia-a-dia, optou-se por desenvolver este trabalho utilizando-se da pesquisa bibliográfica que, de acordo com Faria, Cunha e Felipe (2008, p. 32), “caracteriza-se por possibilitar a resposta de um problema a partir de referências teóricas publicadas, constituindo uma espécie de coleta de dados/informações”.

Assim, o presente trabalho se utiliza de aportes teóricos que discutem sobre o ensino de gramática, estabelecendo contrapontos entre o ensino tradicional, com vistas a uma prática pautada em regras e estruturas fixas, inertes, e as vertentes linguísticas interacionistas, de modo a apresentar considerações para um ensino que contemple os usos sociais da língua, cuja consequência se traduz no desenvolvimento da competência comunicativa/interativa dos usuários.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

I) A gramática tradicional e a linguagem em uso: contribuições da Linguística Textual.

Muitos alunos têm a ideia de que estudar gramática é chato, enfadonho, todavia, o professor de língua portuguesa deve desmistificar esse estigma de que o ensino de gramática corresponde àquelas observações proferidas pela turma.

Sobre essa questão, pode-se relacionar o fato de que o ensino de gramática na escola parece estar fundamentado num “amontoado” de regras e nomenclaturas, componentes frasais isolados, desvinculados da realidade comunicativa de seus usuários, ignorando o fato de que todo falante domina as regras de uso, já que essas são intrínsecas à realidade comunicativa, daí a necessidade de se refletir sobre a gramática em seu aspecto funcional, trabalhando eventos linguísticos em referência ao contexto de uso desse falante.

De acordo com Antunes (2003, p. 97) “O estudo da gramática deve ser estimulante, desafiador, instigante, de maneira que se desfça essa ideia errônea de que estudar a língua é, inevitavelmente, uma tarefa desinteressante, penosa e, quase sempre, adversa”.

Nessa perspectiva, a metodologia do professor frente a essas ideias deve ser criativa, desafiadora, abordando os fatos da língua sob uma perspectiva interacionista, dinâmica, possibilitando uma prática que atenda às reais necessidades dos sujeitos envolvidos.

O ensino de gramática compreende o fato de que todo falante domina as regras, uma vez que esta está intrínseca à nossa realidade comunicativa, por isso, é necessário fazer uma abordagem da gramática em seu aspecto funcional, trabalhando os eventos linguísticos em referência ao contexto de uso dos falantes.

Para Antunes (2003, p. 85) “a gramática compreende o conjunto de regras que especificam o funcionamento de uma língua”, ou seja, não adianta ensinar gramática de forma desvinculada de seu contexto de uso, desconsiderando a sua funcionalidade. Ela deve estar ancorada em fatos linguísticos presentes no contexto dos discentes, posto que esses fatos circundam todas as ocorrências da língua.

Franchi (1987, p. 42) postula uma observação em relação ao posicionamento do discente frente à gramática, ao afirmar que “é somente sobre fatos relevantes de sua língua (relevantes =



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

carregados de significação) que o aluno de gramática pode fazer hipóteses sobre a natureza e o caráter sistemático das construções linguísticas”.

Nesse sentido, o professor de língua portuguesa deve partir de fatos diários, referenciando em seu ensino e tomando como *corpus* da aula essas ocorrências linguísticas, no intuito de tornar o conteúdo próximo dos discentes para que estes possam compreender o seu uso e funcionalidade.

Ainda a respeito do modo “improdutivo” como a gramática é erroneamente abordada, Antunes (2003, p.31) critica essas aulas de português apontando o ensino de uma gramática descontextualizada, amorfa, desvinculada dos usos reais da língua.

Uma gramática fragmentada, de frases isoladas, voltada para a nomenclatura e a classificação das unidades, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função, que não leva em consideração o desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes. ANTUNES(2003, p.31)

Sobre essa questão, é importante ressaltar que o ensino contextualizado de gramática é o mais produtivo, posto que os enunciados são permeados por outras questões interpretativas de temáticas diversas que abordam o estudo de língua, no intuito de propiciar aos discentes um olhar para além das regras e marcações ortográficas, levando-os a refletir sobre o uso, contexto e, por conseguinte, funcionalidade .

A língua é heterogênea, uma forma de manifestação social que representa a identidade de um povo, utilizada para fins comunicativos e interacionais. Desse modo, vale salientar que, sendo a gramática necessária ao ensino da língua, deverá ser abordada e trabalhada em sala de aula de modo funcional com vistas ao desenvolvimento da competência comunicativa de seus usuários.

Assim, é importante destacar que estudar a língua é saber que esta é constituída por fatos linguísticos, sociais, semânticos, enfim, por uma gama de outras ocorrências que são originadas e (re) configuradas continuamente através do convívio em sociedade.

De acordo com Neves (2000, p.52)

Ensinar eficientemente a língua e, portanto, a gramática é, acima de tudo, propiciar e conduzir a reflexão sobre o funcionamento da linguagem, e de uma maneira, afinal, óbvia: indo pelo uso linguístico, para chegar aos resultados de sentido. Afinal, as pessoas falam, exercem a linguagem, usam a língua para produzir sentidos, e, desse modo, estudar gramática é, exatamente, pôr sob exame o exercício da linguagem, o uso da língua, afinal, a fala.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Partindo dessa premissa, vale frisar a relevância do uso do texto como objeto de ensino produtivo da gramática, posto que os textos são unidades de estudo da língua. Em razão dessa acepção, uma vertente linguística denominada Linguística Textual, (doravante LT) defende a noção de estudo de língua/gramática a partir do texto, mecanismo que melhor viabiliza a ação e interação da linguagem.

Sobre essa questão, Marcuschi (2008, p. 73) afirma que “A LT parte da premissa de que a língua não funciona nem se dá em unidades isoladas, tais como os fonemas, os morfemas, as palavras ou as frases soltas. Mas sim em unidades de sentido chamados texto, sejam elas orais ou escritos”.

Assim, é importante salientar que um texto transcende uma sequência de enunciados, posto que o texto é uma unidade dotada de sentido, no qual seus elementos são articuladas entre si, constituindo um todo coeso, enquanto que os enunciados desvinculados do seu contexto ficam limitados e comprometem o sentido da totalidade textual.

Uma das causas responsáveis pelo desenvolvimento de uma linguística de texto foi à decorrência das lacunas existentes na gramática normativa, no que tange aos elementos de ordem pragmática, semântico e sintáticos, tais como pronominalização, dentre outros que só poderiam ser explicados se referenciados ao contexto situacional.

Sobre esse ramo da linguística, Fávero e Koch postulam que: “Sua hipótese de trabalho consiste em tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem” (FÁVERO E KOCH, 2012, p.15).

Um ensino de língua que fica restrito apenas a constituintes frasais e despreza o contexto de uso pode ser considerado como improdutivo e/ou errôneo, posto que a língua transcende esses limites e reverbera mediante textos, não obstante, a língua é materializada através de textos, logo, estudar gramática é observar e compreender cada uma dessas ocorrências em seu sentido funcional.

Cabe ao professor desse componente curricular trabalhar os fatos da língua numa perspectiva produtiva em que a gramática não se restrinja aos constituintes de frasais, mas possibilite uma reflexão que leve em consideração o contexto de uso do falante.

Sobre esse assunto Franchi (2006, p. 99) afirma que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Não é verdade que a gramática nada tem a ver com a produção e a compreensão do texto: ela está na frasezinha mais simples que pronunciamos. Mas é preciso concebê-la de um modo diferente: como o conjunto das regras e princípios de construção e transformação das expressões de uma língua natural que as correlacionam com o seu sentido e possibilitam a interpretação.

Ou seja, observar a gramática sob uma nova perspectiva, avaliar a prática pedagógica e recorrer a subsídios teóricos que redimensionem o olhar dos discentes para o uso da gramática a partir de ocorrências lingüísticas em contextos de uso são alguns dos mecanismos que podem ser viabilizados pelo docente no intuito de possibilitar a reflexão sobre a relevância desse estudo, bem como promover um ensino produtivo de língua.

É importante considerar que um ensino de língua ancorado apenas em frases isolados de seu contexto, torna-se ineficiente ao processo de aprendizagem, pois o texto fica restrito a sua estrutura de modo que o aluno não saberá discernir os aspectos textuais quanto este estiver de forma contextualizada e não mais segmentada e, conseqüentemente, não terá consciência da relevância dos estudos de língua tampouco do seu sentido e/ou funcionalidade.

Segundo Fávero & Kock (2012) torna-se necessário ao ensino de língua à transcendência dos limites de frase para uma gramática textual, isto é, que trabalhe o texto em sua totalidade lingüística, e não em enunciados soltos, fragmentos. O principal objetivo desta vertente é o tratamento dos textos como unidade de estudo da língua em uso.

Assim, levando-se em consideração a noção de texto ancorado ao contexto programático, há outra vertente lingüística que aborda essa questão do uso do texto como ponto de partida para estudar os fatos da língua. A análise lingüística (doravante AL) considera as totalidades textuais como um “universo” variado que compreende as escolhas lexicais, efeitos de sentido, posto que objetiva-se na proposição de que os textos sejam estudados em sua totalidade e vinculados ao contexto sociocomunicativo.

Nesse sentido, compreende-se que o texto como unidade de estudo dos fatos da língua contribui para o ensino-aprendizagem de modo que, devido a sua multiplicidade, este comporta em seu bojo uma série de possibilidades de estudar os desdobramentos, e, por conseguinte, ampliar a compreensão dos discentes em relação ao uso, sentido e contexto discursivos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ainda sobre a prática da AL, Mendonça (2009, p.205) afirma que esta “[...] surgiu para denominar uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema linguístico e sobre os usos da língua, com vistas ao tratamento escolar de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos”.

O que esta vertente propõe é o privilégio do texto como unidade de estudo para o trabalho com efeitos de sentido, habilidades epilinguísticas, partindo da metodologia reflexiva de observação dos casos particulares para a compreensão das regras e ocorrências circundantes.

Sobre essa concepção, Geraldi (1997, p. 74) reforça que

[...] a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a “correções”. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores que se destina.

É a totalidade linguística e todos os aspectos pertencentes a ela que devem ser levados em consideração no momento do estudo de gramática e não fragmentos e/ou partes discretas. Segundo Kuhn & Flores (2008) na prática de análise linguística, há uma transcendência dos limites dos constituintes frasais.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, os objetivos da análise linguística visam com que o aluno

Constitua um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem e sobre o sistema linguístico relevantes para as práticas de escuta, leitura e produção de textos; Aproprie-se dos instrumentos de natureza procedimental e conceitual necessários para a análise e reflexão linguística (delimitação e identificação de unidades, compreensão das relações estabelecidas entre as unidades e das funções discursivas a elas no contexto. Seja capaz de verificar as regularidades das diferentes variedades do português, reconhecendo os valores sociais nelas implicados e, conseqüentemente, o preconceito contra as formas populares em oposição às formas dos grupos socialmente favorecidos (BRASIL, 1998, p.52).

Nessa perspectiva, é importante destacar que essa prática de ensino é constituída em objetivos que promovem uma compreensão sobre a língua de uma forma funcional e reflexiva, partindo, primeiramente, da totalidade textual para a análise dos elementos presentes nela.

Vale salientar que o ensino de gramática eficaz, capaz de dotar o sujeito de capacidades para agir e interagir no meio em que está inserido é o que trata as questões de língua de uma forma reflexiva, funcional, que privilegie o texto como unidade de ensino e promova a percepção sobre a relevância do estudo da gramática e que um estudo pautado a nível frasal e/ou a partir de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fragmentos não leva em consideração a compreensão dos desdobramentos linguísticos, o que torna o ensino de língua portuguesa limitado a regras e/ou regularidades e desta forma, improdutivo ao trato com os fatos da língua em uso.

CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho, foi possível refletir sobre o ensino de gramática no sentido de tecer considerações a respeito de algumas vertentes linguísticas que visam promover o ensino produtivo de língua em detrimento das práticas tradicionais.

Ao estabelecer esses contrapontos, observamos cada uma dessas vertentes em relação ao trato com a língua e seus desdobramentos e chegamos à conclusão de que as práticas tradicionais tratam a língua de uma forma estrutural, regida por uma série de regras e concessões, restringindo-se apenas ao modo estruturalista da língua.

A prioridade pelas regras e concessões, o trato com constituintes frasais e/ou fragmentos discretos, não leva em consideração a língua em seu aspecto funcional. Essa prática concorre para um ensino errôneo, desvinculado das ocorrências linguística, semântica e discursivas.

As vertentes linguísticas mencionadas no decorrer do trabalho, Linguística Textual e Análise Linguística, apresentam-se como pertinentes aos estudos da língua, sobretudo, os estudos da gramática, posto que privilegiam o contexto de uso da linguagem, tomando o texto como unidade de ensino.

Assim, estudar a língua é compreender os seus desdobramentos e tal prática deve ocorrer a partir da linguagem em uso, possibilitando a reflexão dos discentes e a percepção de que a gramática é inerente às situações de produção diárias. Desse modo, as vertentes que serviram de aporte a este trabalho refletem o ensino de gramática de uma forma produtiva que privilegia o texto a partir de uma perspectiva contextualizada, por isso, cabe ao professor ficar atento a essas teorias e aplicá-las em sala para que o aluno compreenda a relevância da gramática e adquira empatia sobre esse estudo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, MEC/SEF, 1998.

FARIA, Ana Cristina de; CUNHA, Ivan de; FELIPE, Yone Xavier. **Manual prático para elaboração de monografias:** trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FÁVERO, Leonor Lopes & KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística textual:** introdução. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FRANCHI, Carlos. Linguagem - atividade constitutiva. In. **Almanaque 5.** São Paulo: Brasiliense. 1987

_____, Carlos. Criatividade e gramática. In: Sírio Possenti (Org.). **Mas o que é mesmo gramática?** São Paulo: Parábola, 2006.

GERALDI, João Wanderley. Unidades básicas do ensino de português. In: _____. **O texto em sala de aula.** São Paulo: Ática, 1997.

KUHN, Tanara Zingano; FLORES, Valdir do Nascimento. **Enunciação e ensino:** a prática de análise linguística na sala de aula a favor do desenvolvimento da competência discursiva. Porto Alegre: Letras de hoje, 2008.

MARCUSHI, Luis Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, M. Análise Linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto. In: Clécio Bunzen e Márcia Mendonça (orgs). **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo. Parábola Editorial, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática: conhecimento e ensino. In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.). **Língua portuguesa em debate:** conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000.